

DIANA ARAUJO PEREIRA (ORG.)

CARTOGRAFIA IMAGINÁRIA
DA TRÍPLICE FRONTEIRA

dobra
UNIVERSITÁRIO

br/revistapeabiru/) vem realizando uma importante contribuição para a circulação da produção local.

5 Pereira, Diana A: <http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/legenda/article/view/4645>

6 <http://unila.edu.br/noticias/ii-concurso-liter%C3%A1rio>

7 A paisagem, para Milton Santos, é a soma dos objetos naturais e socioculturais.

8 No momento da escrita deste capítulo, realiza-se o III Concurso Literário da UNILA Cartonera, que encerra seu período de inscrições em fevereiro de 2014 com um total de 541 inscrições. No entanto, não houve tempo hábil para que esta terceira produção fosse incorporada aqui, ficando a sequência pendente de análise (<http://unila.edu.br/noticias/cartonera>).

9 Chipa é uma espécie de pão de queijo típico do Paraguai e muito consumido na região trinacional.

10 <http://www.iporashow.com.br/>

11 Segundo consta no site oficial do Parque Nacional (<http://www.cataratas-doiguacu.com.br/portal/paginas/226-lenda-das-cataratas.aspx>), "conta-se que os índios Caigangues, habitantes das margens do Rio Iguacu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, um deus que tinha a forma de serpente e era filho de Tupã. Igobi, o cacique dessa tribo, tinha uma filha chamada Naipi, tão bonita que as águas do rio paravam quando a jovem nelas se mirava. Devido à sua beleza, Naipi era consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para o seu culto. Havia, porém, entre os Caigangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá que, ao ver Naipi, por ela se apaixonou. No dia da festa de consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá aproveitou e fugiu com a linda Naipi numa canoa rio abaixo, arrastada pela correnteza. Quando M'Boy percebeu a fuga de Naipi e Tarobá, ficou furioso. Penetrou então as entranhas da terra e, retorcendo o seu corpo, produziu uma enorme fenda, onde se formou a gigantesca catarata. Envolvidos pelas águas, a canoa e os fugitivos caíram de grande altura, desaparecendo para sempre. Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira situada à beira de um abismo, inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta sob a Garganta do Diabo onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas."

12 O artista pernambucano Paulo Bruscky realizou uma performance nas cataratas, em novembro de 2012 (seguida de uma Exposição no Ecomuseu de Itaipu), trabalhando sobre a mesma ambiguidade do olhar que, em nossa sociedade saturada de imagens, move-se entre a cegueira e o espetáculo: "Operação nas Cataratas Iguacu".

ANTOLOGIA LITERÁRIA Poéticas da fronteira

Portuñol és miña lingua, miña pátria és la frontera

De *Relatos em Fronteira* (2011)

Fábio Bargas

Despertaré jo un dia con estas ruas entrañadas em min. Por ellas andaré como antes n'otras tantas ruas de la frontiera. Passarán meos passos como non passassem, como foessem un só i prolongado espreguicarse. Non verá las personas que por min passam, non lles dará pelota a las gurias callexeras nin ellas me la darán. Las árboles floridas me farán outoño, non se venderán a min las promocions de las lojas. Los carros mal los divisaré nel asfalto, lo bermexo nel semáforo i lo vierde de las follas se mesclando em miñas retinas reposadas. Passados años los extraños xa non me serán extraños nin extraño lles será a elles, sien embargo alguna dificultá em la saludacióm. Xa non tropeçaré em las raíces que afloram nel camiño nin tampoco pisaré em falso los aguxeros negros que constelam meo traxeto baxo las estrellas. Los cachorros non latirán al meo pasar. Los filipeteros non me direccionarán seos bolantes. Los laçadores non me tentarán con seos puteros. Meos pasos alternándose em la indiferéncia, los ollos de la rua a me acompañar caninos, acecho de sombra. Todos, desde meos piés haté lo viento, todos coñecedores de meo destino como si un código de barras. ¡Oh incerteza de solitú que desmotiba los xestos! ¡Oh ladrillos non rebelados a quiém de fóra!

Mas esse instante xa lo bibí. Non lo hibieram por min. Ser ator em escena condicionado porlos ollos que me bixilam. Meos própios ollos que me bixilam.

A los sacoleros que converxem de todas partes, a los mercadores ribaneses que facem un preço boeno, a la feroz enerxia que canta em los fillos, a las águas salbaxes du Yguassú i domesticadas du Paraná, a los borrachos binacionaes, a los terroristas incomprobados, a los enxeñeros xeniosos, a las chiperas que equilibram la cesta em la cabeza, a bocês lles dô adiôs; a los brasiguayos latifundiários em Paraguay, a los brasiguayos sien-tierra nel Brasil, a los profesores forasieiros i los frontierços, a los estudantes latinoamericanos sien diñero nel bolso, a los turistas gringos que xegam d'excursióm, a los xirús amigogs con tererê em la mano, a los debotos de la Bixem de Caacupê, a las kuñakarai con fôego entre las piernas, a los comerciantes chinos que apenas se comunicam, a bocês lles dô adiôs; a los fablantes de guaraní i guarará, a los menonitas de la colónia, a los colonos que tomam leite quenthe, a los porteños desaculturados, a los polacos leminskianos de la distante Curitiba, a las alemaniñas facieras de la Oktoberfest, a los gaúchos de la frente agrícola, a los paulistas que non entendem, a los catarinas que reinam por un marreco rexeado con repollo roxo, a los sulmatogrossenses perdidos nel mapa, a los paranaenses, altoparanaenses i misioneros, a bocês lles dô adiôs; a los guárdias de la xendarmeria argentina, a los federaes brasileros, a los milicos paraguayos, a los muamberos que aïram cigarro de la poente, a los traficantes presos al acumpliciar los ríos, a los indio-ciños que piedem diñero em la feiriña, a los cobradores de las vans que cruzam la frontiera, a los mototaxistas que viéem bolando, al comércio trifronteriço que circula cinco diñeros, a las tias xogadoras compulsibas de cassino, a bocês lles dô adiôs; a los que tomam mate quente de veróm a veróm, a los que fumam narguile con cachapa, a los que non confundem sopa paraguayá con cuscús, a los que non piensam que chipa és un pan de quexo c'un buraco nel médio, a los que voelta i média pirateam una chipá-guassú, a los que nunca ábriem una cuca sien un café, a los que tomam tê si tém coquito, a los que non passam la semana sien un shawarma con pasta de allo,

a bocês lles dô adiôs; a los laranxas que atrabessam l'adriana con lo culo em la mano, a los motoristas de autobusses apreñidos, a los taxistas que tomam clientes d'otro lado, a los guias de turismo que nos desbiam de sofismas, a las bellas recepcionistas trilingoes de los hotées, a las onças ocultas con fundo falso nel Parque Nacional, a los cuatús que nos roban la comida por los dexarnos robar, a los piás i los gurís, los niños i mia'ís, a las meninas i las guías, las niñas i mitakuñás, a bocês lles dô adiôs; a los termómetros boladores que migram d'Amazônia a Patagônia sien escalas, a los bañistas de la costa oeste i los pescadores du lago, a los produtos falsificados con etiqueta de la marca requerida, a los compristas que los compram xustamente por saber lo que compram, a las foerças submersas que moebem las turbinas d'itaypú, a las lexendas urbanas i la fauna humana trinacional, a los que bibem em la frontiera pero non la bencianm pensando estar em Sampavlo, Assunção ou Boenossaires, a los destierrados de cualquier parte, nacionaes, naturalizados ou importados, a bocês todos jo lles dô adiôs, jo que non valorê lo que tiña i precisê cotizarlos todos con ollos d'exilio, jo, d'un lado ñeto de labradores que só sê labrar palabras, de l'otro ñeto de gaúcho que só adulto fui gustar de chimarrón i ñeto d'una abó que fabulaba portuguol de nascida, jo, fillo d'una brasileira filla de la frontiera como jo i fillo d'un refuxiado paraguayo que nunca me prendí al guaraní nin a la política, jo que fui creado a churrasco i mandioca pero non sê poer la carne nel espeto, que só fui fablar l'español n'España, que non tiña una identidadá haté que me diê coenta que miña identidadá és la frontiera, miña metafísica és radicada em tembe'y, tembe'y de meo papá i miña mamá i meos abós, frontiera de miña infância i de la infância de miña filla, frontiera de meos balores, meos amores, meos sudores, tembe'y de excessos i miseraciones, frontiera que me afronta i me conforta, a bocê, tembe'y que és três i és una, a bocê, Triplafrentiera que imbenió una lingua trífida, miña cabeza, meo coracíom, miñas entrañas a bocê lle dan adiôs.

Como trabaxadores, todos somos un poco a cada dia assessinados. A cada dia un poco recordados que traemos em nossos cromossomos lo que seríamos porém non fuomos por nossa culpa, pues poco

estudiados. Nesta guerra fiscal contra esfoerçados, nossa enorme maleta, como pomos de Adán em los trabéstitis, nos faría bisíbleis a la guárdia aduanera, que non libera haté que se tribute todo excesso. Habitamos la frontera de nós míemos, i somos lo matute que és confiscado un poco a cada día.

Aquí em la frontera todas las personas son un poquiño trans: transnacionaes, transplantados, transculturados. Transformers autobots decepticons con lo chassi raspado i lataria médio amassada. Xa nós otros, los transborders, transamos i transacionamos em la frontera: somos putas falsificadas, mixés de aduana, maricones non declarados, milfs con taxímetro desligado, xiletos trinacionaes bitributados, lesbianas importadas made in Taiwan, militares con arma em puño, celíbatos traficantes de amor, transxéneros gblt-sbt, femenistas terroristas em queima de estoque de sutiánes, pederastas mal pirateados, trabéstitis montadas em maquiladoras mexicanas, patriciñas de fescurita que non recusam una chupada a cobro reverso. Persona non gratis, cada umno. Transxenerosos, todos. Que em la frontera somos todos un pouquito trans.

Nel México existe una língua a la míngua, que tiém dós fablantes somiente, persistentes. Los dós, peleados, non se fablam. I l'acabam. Al portuñol passa l'oposto: sien un rosto, todo mundo és seo fabulante circunstante. ¿Que otra língua s'imbentaria todo día?

Cuando Diós, nel oichavo día, despertó de soeños intranquillos, lo verbo aunda estaba llá.

Fronteiras

De *Entre Mundos* (2012)

Erick Cavalcante

Eu, que vivo e sou,
Não sei
Se rei
Ou devedor, eu sei:
Uma cidade inteira ainda por descobrir.
Eu, que cedo e dou,
Não sei
Do chão que me calejou
Mesmo assim eu sei:
Um país inteiro ainda por descobrir.
Eu, nunca sozinho
Viverei
É a lei
Do meu caminho, e sendo assim eu sei:
Muitas pessoas ainda por descobrir.
Eu em um mesmo céu,
Pensei,
Que um mais um é
Três, e por fim:
Pluralidades infindas por se descobrir
Eu, que por amor,
Fiquei a beira de cair
Mas sei:
Muitas fronteiras por transpor.

Xirú

.....

Gilberto Carlos Macedo

Uma foz... esquecida
por todas as suas pratas,
até mesmo pela Naipi -
que divorciada do Tarobá despenca
no véu aquecido
das cataratas.
Na descida genocida
desesperada... visualiza
pela baliza
da catarata de cada olho nossas crias,
que cantando árias
destemperadas - choram sozinhas. São crianças em penca,
sem aipi
e nem naipe: vivendo no céu enriquecido
com as cotas erratas - numa ação protestante
da tripla impunidade.
Que por isso... matam,
na estante
da unidade,
alguns dos nossos visitantes.
Mas... instante
antes - desacatam,
roubam meus raros netos
e abortam
seus vários fetos.
São gentes que apeteçam,
as quais acontecem
- assim, aqui... se drogam
e rogam.
Eu assunto - por isso
não envelhecem. Nisso...
alguns jovens que sobram,

os quais obram;

estão a perguntar: Quando podemos sair?...

Em que destino haveremos de cair?...

Nisto... os que aqui ficam

e não se picam,

questionam: Onde trabalharemos?...

Com o quê viveremos?...

Assento - "eles"... mesmo com isto:

não aprendem.

Insisto -

do futuro nada entendem.

Uma foz... enlouquecida

no interior

duma trílice fronteira:

Econômica.

Física.

Psicológica.

Todas... donas duma elite portadora de conexões piradas,

cada uma com sua tonteira.

Sim... mesmo bem anterior

à Itaipu; quando, na época, por ela - já era desmerecida.

A posterior...

embora bem envelhecida,

terminou ficando mais empobrecida - só com suas favelas

repletas de velas

as margens dos rios com seus navios

piratas.

Todas... órfãs com seus pires vazios

a cata dos políticos;

de cada metrópole

a cobrar uns ágios sem atavios;

principalmente em Brasília,

lá como seres sem avios

ficando a esmolhar uns ticos.

Assim... elas colhem, sempre, como resultado a soma:

- dos pesadelos das grandes "cidades"
os quais mais parecem com o som dos tocadores de sinos
no caos duma inexistente métrica;
- de dias dum verão eterno,
numa fornalha tétrica...
num cenário do inferno;
- de praías em Buenos Aires, Assunção e Curitiba
todas sem uma imbetiba,
implorando o alívio dum subalterno
invernó;
- de ganhos duma família
ausente. Cujos membros parecem assassinos,
que por não ter ética... trocam suas necessidades
morais pela busca da "pole",
ainda que estejam atados em estado de coma.
Assim... são - todas as gentes que apeteçam,
as quais acontecem.
E por isso... alguns se drogam
e vários - rogam.
Eu assunto - por isso
"eles" não envelhecem. Nisso...
os jovens que dobram,
alguns deles - os quais ainda obram
para onde irão?
Os raros... ao chegarem - o que dirão?
Nisto...
os que aqui ficam
e não se picam -
interrogam: O que comeremos?
Onde moraremos?
Assento - mesmo com isto...
não aprendem.
Insisto - do futuro nada tendem.
Enfim... "eles" nem pretendem.
Uma foz... embevecida

que continua não tendo
nem retendo;
pois na TV só aparece as quedas
sem suas rendas
e ausentes de paraquedas.
Elas mostram apenas a nossa água...
sofrida, empalidecida;
numa enxágua
em riste,
que ao cair
fica triste...
continua
e nua -
parecendo ser de ninguém.
Em resumo... alguém
que apossou da imagem,
fria - frita
as cópias como se fossem prendas
do mundo globalizado
que ao sair
elas agem
balizando um único interesse: o de conhecer
seu abalizado
dividendo.
Assim... irrigada pelo esgoto
e sem se animar
por não amar;
intrigada: grita
ao Tupã o seu desgosto
bem açu...
verbalizando sua reza em todo cânion da foz do rio Iguaçu.
Um adendo:
tal cena
a qual nossa natureza não ensina
e rotineiramente...

encena -

tem por sina

a meta de matá-la um pouco diariamente.

No fim... tudo redundando

num engodo para todos, por não amanhecer

no gosto

da tripla bandeira de cada sonho.

E... na prática tudo fñda

sem nem um ganho.

São gentes que apetecem,

as quais acontecem -

assim, aqui... se drogam

e rogam.

Eu assunto - por isso

"eles" não envelhecem.

Nisso...

os jovens que cobram,

de todos, porque eles ainda obram

e alguns - irão indagar: Como denotarão cada ser?

Em quem devotarão por crer?

Para quem dotarão todo seu ter?

Nisto...

os que aqui ficam

e não se picam

poderão inquirir: Com quem gozaremos?

De que maneira nós... morreremos?

Assento - os animais... mesmo com isto
não se prendem.

Insisto - do futuro nem atendem.

E o pior - por aqui, nós... não tentamos fazer coisíssima nenhuma.

E a vida? Bem... ela termina sem valer coisa alguma.

Triple frontera selvagem

Poema inédito

Douglas Diegues

Bienvenidos a la Triple frontera selvagem, amables lectores,

kontradiciones frías y dicciones kalientes,

koreanos, árabes, chinos, paraguayos, brasilenhos,

vos saludam en una lengua que non existe como idioma

pero que puede ser escrita y hablada

como el amor

que voce mais ou menos puede entender

misimo que non entenda puerra ninguna.

La Triple frontera es bella, fea, aburrida,

punk, divertida, romántica,

y te puede comer vivo.

El puente de la amizade es traicionero,

usted puede desaparecer para sempre antes de llegar

a uno de los lados.

Por essa puente carnívora,

van y vienen sakoleiros, terroristas (1),

pastores evangelikos, índios, musulmanes,

trabêstis, modelos, traficantes,

operários, prostis, turistas nipônikos,

comerciantes católicos, empresarios libaneses,

tranbiqueros, espías, contrabandistas,

pyragües (2), dólar falso, sicarios, periodistas,

akademikos, poetas, espertos y otários,

pero ninguno es mejor do que ninguno.

Non tentem entender la triplefrontera, amables lectores:

mejor curtir las kataratas del yguazu,

las noches cumbianteras em City del Leste,

las calles sonâmbulas llenas de árboles gigantes de Puerto Yguazu.

Tenemos todas las monedas del mundo.

Hay cambistas on line 24 horas por las calles.
Y esse exceso de outdoors, letreros, pankartas, propagandas flotantes,
lembram las calles de Hong Kong
vista en alguna pelikula china
pirateada en Paraguay.
Abundam nel aire
um mix de olor a plásticos,
cheiro de mercadorias importadas,
perfumes lerrítimos y fakes,
olor a carton y kataratas irradiando
la dulce brisa de los yguazues (3).
Mejor non creer em tudo que se diz en los noticieros.
Non es necessário ver los noticieros
ou leer los periódicos kapitalistas
para entender lo que non tiene sentido.
Del lado paraguay, la gente se alimenta de mandioca,
carne de vaka, suenhos, futebol, esperanza,
cerveza, chorizo parrillero, chipás y chipaguazues.
Hay mais libaneses que en Lebanon,
musulmanes que curtem kibe cru y kibe frito,
shawarmas, homus, babaganush,
falefi, tabule, esfiha de kiche ou zattar
y hermosas musulmanas que bailan
la milenaria danza del ventre
para sus maridos bigotudos.
Los koreanos son ya personajes importantes
en la fauna Triple frontera.
El mais famoso de los koreanos 3 F,
Beto Hong, playboy versado en tae kwon do,
solo namora las modelos mais infantantes del lado paraguasho.
Beto Hong y los koreanos curtem pulpos ainda vivos,
camaron pistola, sashimi, karne de vaka na chapá,
mucha acelga, mucho ajo, mucha cebola, mucho kinchi,
mucha cebolinha y mucha pimenta bermeja tipo dedo de moza.

Puerto Iguazú, durante la crisis financiera nel inicio del siglo XXI
se tornou uma city fantasma.
Igual los kurepis sabem fazer
las mejores papas fritas del mundo.
Pero las churrascarias gauchezcas
son las que mais fazem mais sucesso
en toda la trabuzana triple fronteira.
Muitos brasileiros de Foz de Yguazú
se recusam a comer nel lado paraguay
que, segundo dizem, além de pobre, es feio y sujo.
Comer nel lado paraguay es arriesgado dizem eles.
Pero num kopetin invisible próximo a la catedral de City del Este
podemos encontrar la sopa paraguaya mais deliciosa del mundo.
La moda sport gay futurista unissex de las camisas y pantalones
coladitos al cuerpo predomina también entre los avás (4) triple-
fronteros,
mas isso non quer dizer que todos sigam la moda,
yo por ejemplo ando siempre fuera de moda.
Zapatillas de marcas famosas lerrítimas
para los piés de los ricos.
Zapatillas de marcas famosas fakes
para las patas de los pobres.
Pero siempre llenas de brishos
las famosas zapatillas com desing futurista gay.
Para las patas de los machos
la dictadura gay de la moda,
sapatos bizarros kafona chic y botas texanas de cuero.
Los ricos tienen el pescuezo cargados de gruesas cadenas de oro.
Los pobres llevan cadenitas de lata.
Anillito de rubi estilo mafioso en los dedos de los ricos.
Anillito de lata platinada nel polegar de los pobres
que curtem imitar los atores de los famosos kulebrones brasileiros.
Las yiyis ricas se vestem como las actrices
de los famozos kulebrones brazilenhos.
El peinado, el sapatito, el color de los esmaltes

siguen el padron del calor de la hora del kulebronismo lusofoniko. El kulebron posmo brazuka dita la moda por intermedio de suos personajes mais famozos del momento. Tambien hay influenzias del estilo Barbie que faz la cabeza de las yiyis ricas. Las yiyis mboriahus (5), las meninas de la perferia, montan suo guarda roupa com piezas baratas made in china de kontrabando, garimpadas en tiendas koreanas de City del Este y de Pedro Juan Caballero. La moda del lado argentino es influenciada por Buenos Aires, Tinelli y las teles kurepas. Los índios, com sus pantalones vakeros, sus remeras del Che, de los Rolling Stones, de Bob Marley, son los mais originaes del pedazo. Em todos los lados de la Triple Frontera parece que solamente yo y mais cuatro ou cinco curtimos jazz y blues. La mayoria se encuentra copada com los hits del calor de la hora. Nel lado paraguay, los hits seguem siendo cumbia villera, cumbia romanikona, kachaka pirú (6). Son ritmos aburridos, horribles, hermosos, y nos quitan de la rutina del trabajo. La novedad, em materia de ritmo, es la tecnobuesta panamerikana. Nel lado brazileiro predomina el serlanejo unibersitario, pero también se baila tecnobuesta panamerikana. Nel lado paraguay, los ricos non curtem cumbia, solo los pobres la sabem curtir. Nel lado argentino los pobres y los ricos curtem y bailan cumbia. Se cultua el tango ainda, pero tambien se baila tecnobuesta panamerikana, el funk carioca, y el rockandroll remix ochentoso,

Nel lado Paraguayo, kuando los jóvenes de diferentes sexos se encuentren solos en las aguas del arroyo, van a querer hacerse el amor. Aquel que non fue aun bautizado en iglesia cristiana sigue siendo animal. Solamente depois de bautizado en iglesia, el paraguay deiza de ser un animal y pasa a ser un cristiano. Es la triplefrontera lado paraguayensis, onde un menino llorón despues de grande puede llegar a ser un buen cantante, y el alcool & las prostis pueden arruinar a qualquer músico. Se muere abundantemente en la triplefrontera, pero también se nasce em abundancia. Desde los tiempos de la faraonika Itaipu (7), oficialmente apenas 132 peones han muerto nel cantero de obras que hay llegado a reunir mais ou menos unos 40 mil obreros. Pero los que estudam el tema dizem que nem las empreiteras nem Itaipu cuentan con datos precisos sobre el numero de muertos en la obra. Dizem que mais de mil obreros han caido vivos nel cemento fresco, quedando sepultados allí bajo los 12,3 millones de metros cubicos de concreto usados para la edificación de itaipu. Recentemente encontraron un importante yacimiento de titanio en Minga Poran, a 94 km de City del Este. El hallazgo del mineral valioso fue anunciado em Hong Kong por el geólogo-empresário yankee David Lowell. Los pobladores de Minga Poran

receberam perplexos a la notízia.

Muitos de los que ayudaram

a cavar buracos

nem sabíam porque ganaban

60 mil guaraníes por metro cavado.

Agora eles sabem que ajudaram a descubrir talvez

el mais importante valoroso yacimiento de titanio del mundo,

pero non sabem para que karajo sirve el tal titanio.

Igual todos aqui têm esperanzas

que la puerra del titanio

ayude a liberar la región

del atraso y de la pobreza.

Notas del autor

(1) Sectores del gobierno yankee por ejemplo alegam que la triplefrontera serve de área de refugio para agentes del terrorismo internacional y sede de los fondos de financiación de las actividades de terroristas em diversasion e partes del mundo. Dicen tambien que Bin Laden pode estar escondido bajo las kataratas del Yguazú. Pero até este momento non se ha encontrado por aki nem Bin Laden nim sequer um miserable terrorista anónimo kurtiendo la piscina dum hotel cassino en Puerto Yguazú (lado argentino) ou City del Leste (lado paraguaio), donde el juego de azar es libre, diferente del lado brasileño, donde ainda es prohibido pero segue errristiendo klandestinamente...

(2) Caguetas, delatores.

(3) Ríos caudalosos, inmensos.

(4) Homens.

(5) Pobres.

(6) Ritmos populares de la Triple Frontera.

(7) P(i)edra que kanta.

Douglas Diegues (Río de Janeiro, 1965) publicou *Dá gusto andar desnudo por estas selvas*, Travessa dos Editores, Curitiba, 2002; *Uma flor...* (Eloisa Cartonera, Bs.As., 2005; *Triple frontera dreams*, Katarina Kartonera, Florianópolis (2010) e *El astronauta paraguay* (Eloisa Cartonera, Bs.As., 2012). É fundador da Yiyi Jambo, a primeira editora cartonera do Paraguay. Publicou também textos em antologias da Alemanha e de Buenos Aires.

No he nacido no he de morir

Pedro Granados

I

Pensaba hacer otra cosa

Y no escribir

Salir para puerto iguazu

Desde foz

O irme al paraguay

Que es como quien dice

Para los brasileños

En fin ir a mis pesadillas

De la noche pasada

E intentar enmendar

Aquello horrible

Y tan injusto para los que amamos

Limitado estoy

Aunque ilimitado va mi deseo

Que no muere esta mañana

Aunque me quiten esta piel

Y mis agradables recuerdos

Lágrimas involuntarias

Ícaro andino

Ave oscura de ojos

Tomados ya por el fuego

II

Una muchacha muy joven

Un cachorro que mira las musarañas

Intentan cruzar la avenida

La auténtica frontera

De nuestra casa

No busco el remedio

No intento hallar el camino

No tengo razón, qué duda cabe

Pero la felicidad anda enredada
Entre nuestros pies la salida
La rozan en el aire todos los días
Nuestras manos
Lengua de perro contra huesos y musarañas

Prólogo

De *Risos da Fronteira*, 2003

Nilton Bobato

Pedro Granados, Lima, Perú, 1955. Ph.D (Hispanic Language and Literatures) por Boston University. Ha publicado *Poéticas y utopías en la poesía de César Vallejo* (2004), *Vallejo sin fronteras* (2010) y *Autismo comprometido: sobre poesía peruana reciente* (2013). Poemarios: *Sin motivo aparente* (1978), *Juego de manos* (1984), *Via expresa* (1986), *El muro de las memorias* (1989), *El fuego que no es el sol* (1993), *El corazón y la escritura* (1996), *Lo penúltimo* (1998), *Desde el más allá* (2002), *Al filo del reglamento* [www.miradamalva.com/biblioteca/biblioteca.html], *Soledad impura* (2009), *Poesía para teatro* (2010) y *Poemas en lucha* (2012). Narrativa reunida: *Prepucio carnes y otras novelas cortas* (2012). Parte de su obra ha sido traducida al inglés, portugués y alemán. Leyó su poesía en: Festival Internacional de Poesía en Medellín, Casa de América en Madrid, Cornell University, Boston University, Universidad de Puerto Rico, Municipio de Montevideo, etc. El 2008 fue jurado de la I Bienal Internacional de Poesía Copé (Petropetú). El 2010 representó al Perú en el Cuarto Festival Int. de Letras "Jaime Sabines" (Chiapas, México). Actualmente es profesor visitante en la UNILA (Brasil).

O coração bate no peito!
As gargalhadas da cidade e suas mazelas!
Há uma dor na alma!
A fronteira... Perdidai!
Uma prostituta na esquina!
Uma criança no semáforo!
Noite... sirenes!
A fronteira ri...
É um assalto!
Querem minha alma...
Nas calçadas iluminadas
O sorriso triste sem futuro!
A falta de um ombro para chorar!
Querem minha alma...
Querem meu sorriso...
Não tenho culpa...
Ou tenho?
Querem que eu sorria...
Mas como?
Serei culpado?
As linhas tortas contam o presente!
Querem esconder a verdade!
Querem mostrar o belo!
Mas cadê a beleza?
As ruas... as esquinas choram...
Dizem que o tempo cura...
Mas cadê o tempo?
Quero minha alma de volta!
Quero meus sentimentos de volta!
Não sou culpado...

As linhas tortas dirão...
O futuro dirá...
Minha alma mostrará...
E a fronteira ri... sem medo!

Mensú

De *De Espadas y Duendes*, 2008

Marcelo Moreyra

Digo río
y un obrajero doblado
salta sobre mis venas
rota jangada de huesos
a la deriva, sin estrellas.
Digo selva
y un látigo de fuego
busca vaciar mis ojos
ahogarme en barro, quebrar mis sueños.
Mensú digo
y viejos fantasmas de reviro y plomo
caen sobre mis manos
como raíces muertas.
Digo monte
y violentos árboles
levantan sus cruces negras
sobre manos agrietadas
de olvidados tareferos.
Canción digo
y algún perdido poeta
enarbola sobre los muros
los clamores de allá lejos
mezcla de caña y tierra
de mujeres y martirios
de antiguos brazos sin luna
que no pudieron ser niños.

Marcelo Moreyra (Misiones, 1958) es escritor, pintor, muralista, locutor, docente y fotógrafo. Desde 1969 vive en Puerto Iguazú. Como escritor ha publicado: *Distancias* (poemas), *Gritos en el viento* (poemas y cuentos), *La cárcel* (novela), *De espadas y duendes* (poemas y prosas poéticas), y (novela) *Un son para Yolanda*. Es ganador de varios premios de poesía y de pintura.

Nilton Bobato reside em Foz do Iguacu desde 1980. É professor de Língua Portuguesa, mas está licenciado para exercer o segundo mandato de vereador pelo PC do B. Bobato também integra o Conselho Estadual de Cultura e é voz presente no debate sobre a literatura no Paraná e no Brasil, já que representou a literatura no Conselho Nacional de Política Cultural até 2012. Nilton Bobato é membro da Academia de Letras de Foz do Iguacu – ALEFI e autor de *Risos da Fronteira* (2003), *Prato Feito* (2005), *Prosa de Sacada* (2005), *Sobrementsa* (2008), *Um Brinde a Três Amigos* (2010), *Prosa de Estrada* (2011) e *A Sorte Não Sorriu para César Rondicatto* (2014).

*Medialengua*¹

Carlos Aguasaco

Medialengua, así me llama mi Mamá 'cause my tongue es partida en two slices. Usted me pregunta porque no sabe my story, porque usted recién se movió al building y no sabe nada de inglés. Además, a mí no me gusta contar mi story 'cause people never listen to it completely. I suppose it is 'cause they can't mirar at my boquita con la lengua partida como la de la snake in The Bronx Zoo. Si usted me compla un ice cream de strawberry I can show you how fan it's to have la lengua partida.

II

Hoy yo no fui a la escuela 'cause I forgot to do my homework and I don't want to be embarazada in front of los otros niños. Teachers always do that, embarrassan a los niños que no hacen the homework. But eso nunca me va a pasar a mí porque mi Mamá taught me how no quedá embarazada. Cuando el maestro me llama in front of the class y trata de embarrassarme, yo comienzo a gritá -fucking bastard I know you are trying to fuck me and get me embarazada in front of the class, mandinga, hijo puta, I'm gonna say that you raped me!- y entonces yo arranco a corré y corré gritando -¡Diablo, maldita vaina, coño; I hate this fucking school! Hey, el professor de inglés is trying to get me embarazada in front of the class!-. Y yo sigo corriendo y corriendo hasta que the social worker stops me y me habla en español -Cálmate, Desiree, que no te ha pasado nada, don't worry about that teacher, he can't get you pregnant 'cause he is gay-. Entonces yo me recuerdo que el maestro de inglés es maricón y que tiene un boyfriend que le mete el dick por el ass y lo

1 "Medialengua" fue publicado en la revista *Casa de las Américas* No. 273 octubre-diciembre/2013 pp. 89-90. Conto gentilmente cedido pelo escritor Carlos Aguasaco.

hace sentir feliz. Anyway, la escuela siempre abre una investigation y el maestro tiene que escribí un report of the «incident» y se va suspendido por tres semanas mientras lo investigan para asegurarse de que es maricón y que es verdad que tiene un boyfriend que le mete el dick por el culo y lo hace sentir feliz. They say que él se quiere cortá la verga para no tené más problemas conmigo y poderme enseñá a leer a Oscar Wilde que no era maricón but homosexual como siempre dice en la clase.

III

Usted tiene que aprendé inglés pa' podé encontrar un trabajo o ¿es que se piensa quedá aquí de househusband, como una sirvienta, babysitting me all the time? No me diga que en su país no había bilingual schools. No me dé cuerda, coño, que yo no creo que en su país bilingual schools are for rich people. ¡Cierro que usted no tiene green card y que por eso se casó con mi mamá y que por eso you sleep together y usted le mete la verga por el coño y la hace sentir feliz, pero mi mamá no queda embarazada porque usted se pone los condoms que me regalan en la escuela?

IV

-My father? I don't really remember him; they say he is in jail for tratar de matar a mi mamá. Pero yo no sé nada de nada, yo no vi cuando se agarraron a peleá ni cuando comenzaron dizque to divide everything. Yo no vi cuando él se manejó crazy y comenzó a romper las cosas por la mitad con ese cuchillo que trajo cuando volió del ARMY. Rompió la mesa por la mitad, las sillas por la mitad, the mattress por la mitad, he broke los platos por la mitad, he cut the remote control por la mitad and draw a line por la mitad del apartment dizque para no pagar two hundred and ninety nine for the divorce. Entonces, yo tampoco vi cuando mi mamá le dijo dizque she vas gonna sue him por child support y él se manejó más loco y con el cuchillo empezó a romperme a mí por la mitad pa' coger

his half part y darle de comer él mismo pa' que no lo demandaran for child support. Entonce llegó the police y no lo dejó terminá de romperme. Pero yo no le dije nada a nobody porque yo no soy snitch y lo metieron in jail just for tratar de matar a mi mamá.

V

¿Qué hizo ella después que he left the apartment? Nada, sacó un piedrecita del la purse y se puso a calentarla para que oliera chistoso. Yo me puse a bailar con la boca cerrada y a tragarme la blood como si fuera el wine que mi mamá keeps debajo de la cama. They say they can coser mi lengua pa' que yo no sea más una freak con la lengua como la de la snake en el Bronx's Zoo; but I like that 'cause people always me compra candy or strawberry ice cream pa' que yo lescuente my story, but they never listen to it completely.

Carlos Aguasaco Ph.D. (Bogotá, 1975).

Profesor de Estudios Culturales Latinoamericanos y Español en el Departamento de Estudios Interdisciplinarios en The City College of The City University of New York. Doctor en lenguas hispanas y literatura (Stony Brook University). Master en literatura (The City College of New York CUNY), Profesional en estudios literarios (Universidad Nacional de Colombia). En marzo de 2010 recibió el premio India Catalina en la modalidad de video arte dentro del Festival Internacional de cine de Cartagena de Indias. Fue fundador y organizador del Festival Latinoamericano de Poesía Ciudad de Nueva York. Dirige la editorial Arpoética Press. Es coeditor de cinco antologías: *Festival Latinoamericano de poesía ciudad de Nueva York* (2013); *Festival Latinoamericano de poesía ciudad de Nueva York* (2012); *Ensayos sin frontera (Estudios sobre narrativa hispanoamericana)* (2005); *Narraciones sin frontera 27 cuentistas hispanoamericanos* (2004) y *10 poetas latinoamericanos en USA* (2003). Libros de poemas: *Conversando con el Ángel* (2003), *Nocturnos del Caminante* (2010) & *Antología de poetas hermafroditas* (2014).

CARTOGRAFIAS DE FRONTEIRA Entrevista a Silvio Campana

Juliana Zacarias¹
(Bolsista PET- UNILA)

1. Como você gostaria de se apresentar?

Meu nome é Silvio Campana, tenho 52 anos, me formei como jornalista e trabalhei nessa área há muitos anos atrás. Fiz parte de um grupo que organizou a Fundação Cultural há 26 anos, talvez isso seja um marco para fazermos uma referência, mas antes, disso eu já participava de atividades culturais; naquela época nós ainda não tínhamos noção da importância de tais atividades em relação à cidadania, somente que havia um foco e uma intuição que coincidia com o que necessitávamos.

Sou nascido em Foz do Iguaçu, mas fui estudar em outra cidade de no ano de 1979, como todos da minha geração, pois na época a cidade não comportava faculdade, pouco ensino de 3º grau, e assim regressei à Foz do Iguaçu em 1985. Completei minha formação em Londrina, mas antes viajei por Curitiba e algumas outras cidades. Londrina me foi um ótimo centro cultural, lugar de grande importância quanto à resistência política ao regime militar; me serviu como orientação e me guiou no trabalho que posteriormente iniciarei aqui na cidade.

.....

1 Orientadora: Prof. Dra. Diana Araujo Pereira, grupo PET/CONEXÕES DE SABERES (UNILA, 2010 - 2013).

Antes de sair de Foz do Iguaçu eu tinha um vínculo mais familiar do que propriamente político e quando eu voltei, passei a me organizar de uma forma mais cidadã (digamos assim).

Minha primeira atividade foi a participação na organização da Fundação Cultural, que ainda hoje é o organismo oficial de cultura na cidade, no qual eu trabalhei 8 meses e fui embora por não entender a cultura como uma extensão, como um braço partidário de quem está instalado no poder.

2. Há quanto tempo você trabalha com a Associação Guatá?

A Guatá completa 10 anos em 2014. É uma associação que também é fruto de um movimento político, pela cultura da cidade, que envolve a Casa do Teatro e outros organismos que se originaram nesse processo. A Guatá e a Casa do Teatro são uma espécie de irmãos siameses que nasceram dentro de um projeto chamado “Praça em Movimento”. Ele era feito na praça do Colégio Mítre, quando foi revitalizada, há 13 anos. Resolvemos ocupar aquela praça, porque haviam feito todo um trabalho arquitetônico, mas não fizeram o trabalho social de levar as pessoas até o local. Naquela época o centro de Foz do Iguaçu era tido como um lugar muito violento, então as pessoas não conviviam com esses espaços.

Assim formalizamos a Casa do Teatro, que já existia como grupo, “Teatral Foz”, e que existe até hoje, dentro de um “guarda-chuva” da Casa do Teatro.

Havia também um grupo de jornalistas, fotógrafos, professores, pessoas que trabalhavam com a leitura, que foram formando e gestando a ideia da Guatá, como uma cultura em movimento com especialidade (digamos assim) em memória e expressões populares. Em fins de 2004, ano de sua fundação, a Associação desenvolve a exposição “Todas as Cores do Mundo”, tratando da questão da diversidade étnica de Foz do Iguaçu, através de retratos de 42 mulheres de nacionalidades e etnias diferentes, fotografadas e entrevistadas pela jornalista Áurea Cunha. Essa exposição percorreu várias cidades paranaenses e foi montada no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Também nesse ano, surge a revista “Escrita”, ainda experimental. De lá até aqui foram feitos 33 números.

3. O que significa Guatá?

É uma palavra guarani, um verbo que significar caminhar. Na verdade, a gente tomou essa palavra como experimentação da vida. Os guaranis, de uma certa forma, reagem ao território deles, experimentam a vida como coletores e vão construindo um caminho. Pensamos que a cultura é isso. A vida diária de um povo, de uma comunidade, de uma cidade, de um grupo como nós, tem uma experimentação possível só no presente. Mas é preciso ter memória e ter sonhos coletivos. Muito mais que o resultado acabado, é o processo de construção e comunicação da realidade presente com a que já foi e a utopia é o que nos importa.

4. Como surge a ideia de fazer uma revista “escrita”?

A revista “escrita” é sempre um processo de juntar muitas diferenças: uma cozinha que fotografa, um médico que escreve, um operário que gosta de fazer poesia, um estudante que pela primeira vez vê uma ação de Hip Hop e resolve também escrever uma rima. Isso é o que nos interessa nessa revista, este é o grande mote. Mas não gostamos de tratar como espetáculo do mundo; o mundo do espetáculo é um mundo falso que se propõe às pessoas como cultura, tudo tem que ser sensacional para ser razoável e interessante. Qualquer manifestação artística tem que obter uma moldura de pastiche, como é a indústria cultural, ou uma moldura sensacional elitista –, o que na verdade só faz reforçar a estratificação de classes, que separa pobres e ricos, doutores e a tal cultura popular, quando na realidade são várias culturas que coexistem, se harmonizam e principalmente combatem entre si numa sociedade complexa como a brasileira.

No meu entender há muitas contradições, há muitos caminhos comuns e há muitas expressões que nós não chamaríamos de arte ou de cultura se não tivéssemos hoje um entendimento um pouco mais claro do que seria isso. Quando eu comecei a trabalhar com arte e cultura, o estatuto da Fundação Cultural, e que é o mesmo até hoje, dizia lá: “O conselho fiscal da Fundação Cultural será composto de algumas pessoas da prefeitura e cinco pessoas de ilibada cultura da sociedade”. Que cultura? Quem são esses cinco? Ninguém pode dizer

que uma cultura é melhor que a outra, são as expressões dos interesses de classe, de gênero, e elas não podem ser comparadas, não podem ser colocadas numa prateleira e definidas segundo qual tem mais valor. O estatuto é antigo. Ainda representa, em certa medida, o pensamento oficial da política de cultura que se faz em Foz do Iguaçu, onde certas coisas são extremamente referendadas e outras não. Penso que o processo político que temos que buscar é a valorização das culturas e a representação destas, com espaços possíveis para tudo, com a possibilidade de ser extraído de cada uma delas o que um cidadão possa querer compartilhar.

O que isso tem a ver com a Guatá é a carga de importância que isto traz para a revista, por ser a forma como agimos. Para expressar tal âmbito pensa-se em três coisas. Primeiro, tem que haver uma história, ninguém pode falar de diversidade cultural, se não falar da memória de um lugar, ou de algo, ou de um povo, ninguém pode dizer que diversificamos culturalmente, se não conhecermos a história e se não referendamos essa história. Então quando digo referendar a história, não estou dizendo a história no formal e oficial, tampouco da memória dos que ganharam a guerra, estou dizendo toda a história, todas as possibilidades de memorizar o fenômeno social de algum lugar. Por exemplo, a cidade de Foz do Iguaçu completa 100 anos, na verdade quem vai completar 100 anos é a nomenclatura de um município, uma estrutura burocrática do estado brasileiro que criou um município há 100 anos. Mas antes dos 100 anos havia pessoas que inclusive fizeram com que a vila virasse um município, e antes deles havia gente aqui, que não tinha nada a ver com a estrutura do Estado brasileiro, paraguaios, argentinos, e antes disso havia pessoas que também não tinham nada a ver com os ocidentais e a cultura judaico-cristã que veio parar aqui, que são os próprios guaranis, os caingangues; enfim, esta região tinha pelo menos duas grandes nações indígenas, falando, debatendo, digladiando, vivendo aqui. Quando falamos da história de uma cidade, não podemos falar dos 100 anos do município, essa história para trás deve ter muitas cicatrizes, muitas feridas a se entender. Então esse é o primeiro eixo que eu acho que devemos sempre levar em conta. Nesse sentido, a Guatá oferece isso na conversa, a história das coisas,

tudo tem história. Toda a poesia que o menino traz no colégio para a revista "Escrita" tem uma história; queremos saber quem é ele, porque escreveu, onde escreveu, de onde ele tirou as referências para aquilo; esta é a micro história da revista, todo número que a revista publica tem uma micro história, assim como a cidade.

O segundo âmbito é justamente a valorização da diversidade cultural, mas não uma diversidade que é classificada como exótica. Não, é mais do que isso, pois existem diversos recortes possíveis para entender as culturas. Entre a classe popular, existe um monte de recortes possíveis. Os descendentes de africanos, por exemplo, têm uma história particular, dentro da outra história. Uma pessoa que mora na Vila C é diferente de um cara que mora no Porto Meira, são recortes possíveis, todos eles devem ter a possibilidade de em determinado momento comparecer na história maior, na conversa maior e entre todos os recortes possíveis.

E o terceiro eixo que trabalhamos é, ao mesmo tempo que respeitar e admitir a diversidade de todas essas culturas, estabelecer critérios e organismos que permitam a sua expressão. Não basta no dia do Folclore falarmos do saci Pererê e depois no resto do ano não saber nada de como se constrói uma lenda, baseada numa história tão crítica como foi a escravidão. São necessários canais que possam ser usados. Eu acho que a cidade, de uma certa maneira, há algum tempo começou a perceber certas coisas. O grupo de Maracatu, por exemplo, é um organismo novo na cidade, no entanto está vinculado a uma história tão antiga e que não aparecia.

E a religiosidade de origem africana, ela já existe na cidade, com seus elementos artístico-culturais. Mas é uma religião tão rechaçada, como se ela não existisse no nosso simbólico, como se ninguém frequentasse um terreiro de Candomblé nessa cidade. Então talvez a arte ajude a puxar um fio lá de baixo, que talvez mostre mais dor do que a gente está vendo aqui em cima. Nós vemos somente o artesanato dos indígenas, mas onde está o território e como acabou a história deles no território, ninguém puxou até agora, para falar desses temas e ao mesmo tempo da arte desses povos. O que já bebemos da cultura paraguaia, da cultura argentina?

A UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-americana) de repente veio e colocou tudo isso na moda; é um fenômeno de modismo, mas não estou falando pejorativamente. Ela apareceu e é tão forte que consegue colocar em evidência toda esta situação, mas o som do portunhol existe há muito tempo aqui, muito depreciado, embora agora se discuta o portunhol até na literatura, mas você admite discutir isso como uma oportunidade de expressão. A nossa cidadania está atrasada, assim como os direitos civis, os direitos elementares de um cidadão, eles não são vistos ainda como possibilidade real de convívio na cidade. E nesse caso, a cultura não é apenas para o entretenimento da família, como diz o compositor argentino Fito Páez, na música "Al lado del Camino": "Não vim para divertir a sua família, vim falar outra coisa". Cultura é algo muito sério, apesar de ter bastante humor, bastante musicalidade; e a cultura não é só a arte. Ela é na verdade a expressão de como a gente se organiza para viver. Então tudo pode estar nessa brincadeira. Enfim, esses três caminhos nos colocam numa situação política de entendimento da cultura, então foi isso que fizemos, um projeto que desse resposta a tudo isso.

É por isso que a Guatá faz o "Tirando de Letra", um projeto que começou como um mediador de leitura, mas hoje é muito mais um projeto de construção de expressões populares, que nos levam à possibilidade das pessoas até começarem a ler: somos estimulados e estimulamos. Quem é um agente cultural tem que perceber isso, tem que viver isso de verdade. Quando se faz um trabalho que pode ser lindo, bonito, bem acabado, você pode registrar, mas você deve pensar: se é feito para alguém e aquele alguém não recebe o tesão de participar, então não é um trabalho dinâmico e vivo.

5. Você acredita que, pelo fato de estarmos neste lugar, a Triplíce Fronteira, existem elementos comuns na produção cultural que se sobreponem à própria fronteira?

Claro que sim. Embora exista a fronteira, mesmo sendo uma situação artificial que se criou, você tem a comunicação entre as partes, tem um circuito de coisas acontecendo de forma invisível. É claro que com o tempo essa fronteira foi se sedimentando, criando

diferenças e divisões, mas ainda assim. Por exemplo, toda vez que alguém passa a ponte, não apenas cruza a fronteira, passa a ter um vínculo. O centro de Foz do Iguacu e o centro de Ciudad del Este são diferentes, mas as pessoas se intercomunicam. Ainda é muito pequena a capacidade de produzir elementos simbólicos disso pela linguagem da arte. Mas existe um trânsito de informações, de conhecimentos e de saberes nessa história. Percebe-se que uma fronteira geográfica é um obstáculo – o rio pode ser um obstáculo –, como pode ser uma ligação, depende da ótica que vemos as coisas. Quem pesca aqui, pesca lá, quem nada aqui, nada lá, nos dois sentidos. É um rio que divide ou junta. Acredito até que dividiu mais do que uniu. Mas o rio faz essa mediação. Como o nome de um peixe que conhecemos dos dois lados, ou o som de lá do outro país que ultrapassa o rio. O outro país vem de algum jeito, ele vem de dentro da caminhonete do homem que vende gás, como do cara que vai daqui para comprar bugiganga para revender, ou um comerciante que vai invisivelmente às 5h00 da manhã trabalhar na loja do Paraguai e que volta de lá e já não é mais como era antes. Enfim, vemos as coisas de forma estanca e elas não são assim. Mas do ponto de vista da criação simbólica, ainda somos muito tímidos. Não conhecemos as pessoas que fazem arte em Ciudad del Este, como eles também não nos conhecem. Puerto Iguazu tem uma orquestra de meninos que vieram pela primeira vez se apresentar em Foz do Iguacu no "Café com Teatro", que ajudamos a realizar. E Foz tem uma orquestra sinfônica, uma tentativa de orquestra sinfônica, e ambos nunca se encontraram. Mas estão por vir as políticas culturais que nos aproximem. Quantos livros são publicados no Paraguai? Muitos livros são editados no Paraguai, por incrível que pareça, inclusive em Ciudad del Este, e nós não sabemos aqui, nossas livrarias não vendem, nossas bibliotecas não tem acesso, ou não dão acesso à isso. Então há muito por fazer, há muito por entender. Como se aproximar? Como se aproximar sem subordinação? Sem ter hegemonia? Porque a nossa história é uma história de hegemonia, os brasileiros, em relação aos paraguaios e até aos argentinos, mantiveram sempre uma hegemonia cultural; é um genocídio cultural o que a nossa televisão faz com o Paraguai, por exemplo. Nós temos

acesso de 80 à 100 km de distância de português, a língua portuguesa através da televisão. Ainda não sabemos o que isso representa para a população daquele pedaço de terra que se chama Paraguai, acho que a UNILA vai ter que estudar, vai ter que dar dimensão para isso, vai ter que responder essas perguntas. Existem muitas coisas que nos constituem de um jeito, mas não as conhecemos. É por isso que eu digo que cultura na verdade é tudo: política é a cultura ou cultura é a política? Não sei. Tem coisas que são sutis e tem coisas que não. Geralmente nos choca os olhos aquilo que não é sutil, mas talvez o que seja sutil, seja ainda mais violento, não é?

São problemas muito complicados que geram resistência; às vezes resistências erradas, como contraposições nacionalistas. Na verdade nós precisamos reunir aqueles que querem fazer uma grande “sopa” disso tudo, ainda que a “sopa” não seja de ninguém. É esta a questão, a cultura está intimamente ligada à hegemonia de poder. As políticas culturais permitem você aumentar o seu grau de poder ou diminuir. Nós não sabemos nem quais são os equipamentos de cultura das três cidades. Nós, iguaçuenses, não sabemos quantos equipamentos de cultura existem nem em Foz do Iguaçu. Estamos dentro do Teatro Barracão, e 90% da população não sabe nem se ele é da prefeitura ou não; ele é da prefeitura e está conveniado com uma ONG de teatro para poder ficar aberto, porque senão, ele não fica. O ponto de cultura da Guatá é uma biblioteca lá na escola Paulo Freire, na Vila C, que estava fechada, mas é equipamento público, um equipamento que não estava funcionando. Temos um caso igual ao da Vila C no Porto Meira, sendo que esta fechou. A biblioteca pública de Foz do Iguaçu não compra livros, ela não tem dotação para comprar livros. Eu não sei se é assim nos outros dois países, mas acho que temos que nos aproximarmos disso. Todos os que tenham interesse em quebrar a hegemonia que está instalada dentro de um sistema de sub imperialismo brasileiro, digamos assim. Enfim, eu acho que o mundo é movimento: existe uma hegemonia, existe a sua contradição e existe a dança dessas duas coisas. E dentro desse jogo existem as pessoas, os indivíduos, o ser humano que também não é algo acabado.

OUTRAS FRONTEIRAS